

# ADVERSO

Nº 168 - Julho de 2009

Impresso  
Especial

0334/2001-DR/RS  
ADUFRGS

...CORREIOS...



ISSN 1980315-X



9 771980 315002

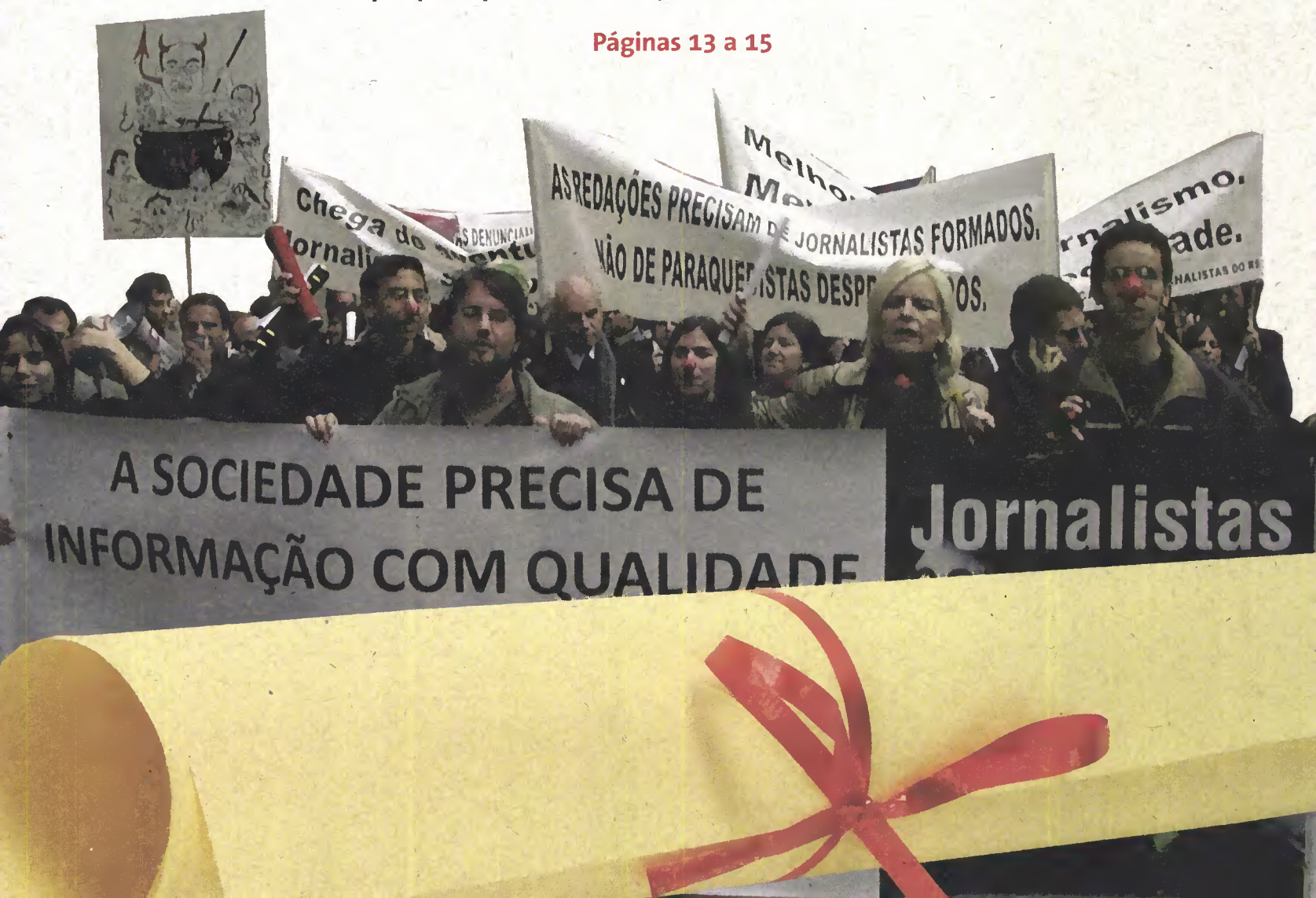
00168

Diploma de Jornalismo

## Reação contundente, porém tardia

Após decisão do STF sobre a não obrigatoriedade do diploma para jornalistas, categoria supera a desunião histórica, organiza protestos e busca uma solução no Congresso Nacional. Mesmo sem o apoio das faculdades, estudantes lideram manifestações e lutam pela manutenção dos cursos de comunicação, contraditoriamente ameaçados em um tempo que a profissionalização é cada vez mais incentivada.

Páginas 13 a 15





# V Encontro Nacional do Proifes-Fórum

## e I Encontro Nacional do Proifes-Sindicato

De 19 a 22 de agosto de 2009 | São Paulo/SP

Temas

Alteração do Estatuto

Prestação de Contas

Perspectivas da Universidade Brasileira

Proifes e o Movimento Docente

Carreira docente

Mais informações acesse  
[www.proifes.org.br/noticia/arquivos/508.pdf](http://www.proifes.org.br/noticia/arquivos/508.pdf)

# Participe!

 **ADufrgs**  
sindical

[www.adufrgs.org.br](http://www.adufrgs.org.br)



Rua Otávio Corrêa, 45 Porto Alegre/RS  
CEP 90050-120 Fone/Fax: (51) 3228.1188  
[secretaria@adufrgs.org.br](mailto:secretaria@adufrgs.org.br)  
[www.adufrgs.org.br](http://www.adufrgs.org.br)

Presidente - Cláudio Scherer  
1º Vice-Presidente - José Carlos Freitas Lemos  
2º Vice-Presidente - Maria Luiza Ambros von Hollenben  
1ª Secretária - Daniela Marzola Fialho  
2ª Secretária - Elizabeth de Carvalho Castro  
3ª Secretária - Maria Cristina da Silva Martins  
1º Tesoureiro - Paulo Artur Kozen Xavier de Mello e Silva  
2ª Tesoureira - Maria da Graça Saraiva Marques  
3ª Tesoureira - Ana Paula Ravazzolo

**ADVERSO**

Publicação mensal impressa em  
papel Reciclado 90 gramas  
Tiragem: 5.000 exemplares  
Impressão: Comunicação Impressa

Produção e Edição:

 **VERDEPERTO**  
editora  
(51) 3228 8369

ISSN 1980315-X



Editora: Maricélia Pinheiro (MG 05029 JP)  
Reportagem: Maricélia Pinheiro, Naira Hofmeister  
(RP 13164) e Aline Pellegrini (estagiária)  
Projeto Gráfico e Diagramação: Eduardo Furasté



# ÍNDICE

**04****NOTÍCIAS**

Posse da nova diretoria da Adufrgs repercute no meio político e sindical

Adufrgs completa 31 anos

**05****06****PING-PONG****Paulo Lins**

"A questão principal da violência não é a droga. São as armas"

**VIDA NO CAMPUS****10****12****SEGURIDADE SOCIAL****REPORTAGEM****Fim do Diploma**

Jornalistas reagem à decisão do STF e tomam as ruas do País em manifestações históricas.

**13****16****ARTIGO****Matemática: um bicho de 7 cabeças?**

por Celso Nunes Toledo

**Seminário REUNI**

Professores e gestores de Ifes se reúnem em Belo Horizonte para avaliar o Programa de Reestruturação das universidades.

**18****20****OBSERVATÓRIO****NOTÍCIAS**

Apub sai da Andes e funda sindicato local

**21****22****NAVEGUE****ORELHA****23****24****EM FOCO**

O que importa é ter conhecimento armazenado

**+1****26****27****A HISTÓRIA DE QUEM FAZ**

## Editorial

### Sobrevivência e atribuição social

Somos professores de Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes). Esta identidade é traduzida pelo anseio e a responsabilidade de nossa contribuição intelectual às questões sociais e existenciais inerentes à sociedade em que vivemos. Mas somos também seres humanos, e como tal muitas vezes se torna difícil distinguir entre sobrevivência e o papel que nos é atribuído socialmente.

Podemos, sem medo de errar, considerar demandas fundamentais históricas da Humanidade: a vida, a comunicação e o trabalho. Estas necessidades se constituem em problemas cruciais da sociedade contemporânea, que a todo o momento não cessam de ser atacados, invertidos, reduzidos, minando nossa resistência e competência. Duas destas questões, sob formas diferentes, nos surpreenderam nos últimos meses e exigem algum comentário. De um lado, como seres humanos, fomos submetidos a uma onda de violência, agredidos no direito fundamental à vida, ao sermos dramaticamente desestabilizados diante de dificuldades circunstanciais em contratar um plano de saúde – exigida por modificações de legislação. De outro lado, como professores de Ifes, nos deixamos levar, num silêncio inadmissível, no bojo de um processo que inclui um paradoxo, um contrassenso, que é o de extinguir a exigência de diploma na especialidade da informação (do jornalismo, que é pauta deste número da Adverso), enquanto a atual política do governo federal em relação ao ensino superior vai no sentido de não só ampliar o número de vagas nas universidades, mas também de criar cada vez mais novos cursos.

Em reunião chamada pela administração da Ufrgs, no dia 1.º de julho, a Adufrgs Sindical, a Assufrgs e a Comissão de Usuários do plano Unimed/Ufrgs conversaram com representantes da Unimed/ Porto Alegre – primeira opção dos professores e principal participante dos atos licitatórios sucessivos organizados pela Ufrgs – com um resultado que deixou vislumbrar aquilo, que se espera, seja já o prenúncio do desfecho positivo para a questão que atormentou os servidores da Ufrgs nos últimos meses: a contratação do plano de saúde. Ficou clara a intenção da Unimed de preservar a relação com o conjunto de usuários da Ufrgs. Mas ficou clara também toda a dificuldade, a dureza e a frieza produzida por dispositivos burocrático-legais exigidos pelo Estado, como a licitação. Processo que produz obstáculos, que são a contraposição, de um lado, da técnica, do cálculo atuarial, da preservação do saldo positivo para o agente contratado e, de outro, da preservação política da dignidade, do respeito à segurança da comunidade contratante. Esquema brutal que somente será vencido com o diálogo afinado e atento dos grupos organizados envolvidos.

A prática governamental do Estado moderno – essa instituição que aí está e bem conhecemos –, desde sua emergência no século 18, concilia sistemas de lei e justiça com jogos político-econômicos. Não é segredo para ninguém que esses jogos dependem de uma costura entre a identificação de demandas importantes da sociedade civil e do objetivo-fim do próprio Estado: a manutenção, consolidação e desenvolvimento de sua própria força. A abstração estratégica de organização e governo da sociedade, que é a base da instituição Estado, trata apenas da maximização – e nunca da solução – dos resultados das demandas populares mais representativas do cenário político-econômico. Sempre preservando, nunca prejudicando o perpétuo reforço do Estado. E a forma de identificar essas "demandas importantes" passa pela capacidade política e econômica de organização de grupos instituídos e não instituídos da sociedade civil e por sua competência prática e discursiva em receber crédito e destacar influências, interferências entre as vontades generalizadas. É aí que o retorno do Estado, bem ou mal, melhor ou pior, acontecerá.

Estejamos unidos.

**Diretoria da Adufrgs Sindical**



# Posse da nova Diretoria repercute no meio político

Autoridades presentes à cerimônia que oficializou o início da primeira gestão da Adufrgs Sindical manifestaram a satisfação de presenciar o momento histórico. E aqueles que não puderam comparecer, não deixaram de enviar seus cumprimentos.

**Manuela D'Ávila, deputada federal (PCdoB)**

"Esse momento representa a continuidade de um trabalho sério e comprometido das recentes gestões. Vivemos um momento de democratização muito importante na Universidade, manifestado pelo Reuni e pela política de reserva de vagas. Essa inclusão é o maior desafio, trazer mais cores para a Ufrgs. A Adufrgs tem um compromisso histórico com a universidade pública e vai honrá-lo sob o comando do meu amigo Claudio Scherer".

**Celso Woyciechowski, presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT-RS)**

"A posse dessa diretoria da Adufrgs significa que estamos começando a construir um novo caminho, não só na organização do movimento sindical, mas na luta por uma universidade para todos. Parabéns a atuação grandiosa da gestão que se encerra na construção do Proifes, em especial o professor Eduardo Rolim. Seu trabalho tornou essa organização cada vez mais forte. Agradeço também à Adufrgs por ter exercido com sucesso a representação da CUT no Conselho Universitário durante os três últimos mandatos. Essa participação demonstra o interesse no exercício da cidadania".

**Edison Haubert, presidente do Movimento dos Servidores, Aposentados e Pensionistas (Mosap)**

"Congregamos 700 entidades de servidores que buscam resgatar a dignidade do servidor público, sobretudo aposentados e pensionistas. Não posso deixar de dar aqui meu depoimento sobre o comprometimento da Adufrgs, através do professor Lucio Hagemann, com este trabalho. Arrisco dizer que, se não estivessem ao nosso lado, talvez um grande braço de nosso movimento estivesse quebrado".

**João Eduardo Silva Pereira, vice-tesoureiro do Proifes (UFSM)**

"A posse da nova diretoria da Adufrgs Sindical representa a consolidação de um processo que envolveu muito trabalho e um longo tempo. Data do ano 2000, quando nos reunimos pela primeira vez em Rio Grande pensando em novos rumos para o Movimento Docente. Sabemos que há um grande contingente de interessados nessa ideia e esperamos que frutifique a partir da Adufrgs Sindical".

**Julio Reck, vice-diretor do campus Porto Alegre do IF-RS**

"Dou as boas vindas a todos ao novo campus do Instituto Federal do Rio Grande do Sul. Promover essa posse no nosso auditório é uma atitude emblemática e um momento simbólico. Somos 30 docentes, todos já filiados à Adufrgs Sindical e com vontade inequívoca de pertencer a essa entidade. Muito nos orgulha também ter um integrante de nosso quadro na diretoria que inicia seu trabalho agora. Parabéns ao professor Paulo Melo e Silva, que ele e seus colegas de diretoria possam fazer uma bela gestão".

**Carlos Alberto Tanezini, presidente da Adufg**

"Transmito a todos os colegas que tomaram posse na Adufrgs Sindical os cumprimentos e as congratulações de todos integrantes da diretoria da Adufg. Desejamos a vocês uma excelente gestão! Abraços!".

**Carlos Ventura D'Alkaine, presidente da Adufscar**

"Em nome da Diretoria da Adufscar, endereço votos de felicidades para o desempenho do mandato da Diretoria da Adufrgs Sindical. Esperamos e desejamos que esse trabalho entre para os anais da história do Movimento Docente Nacional, que agora vive momentos importantes e decisivos, visando à defesa e garantia dos verdadeiros e justos direitos dos Professores das Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes)".

**Carlos Alexandre Neto, Reitor da Ufrgs**

"A Adufrgs Sindical tem um belo patrimônio, muito maior que o material, que é o fato de representar os docentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes), que são as pessoas responsáveis pelo futuro do Brasil. Porque sabemos que só se conquista cidadania com educação, e é isso que fazemos aqui. A Ufrgs é o terceiro maior orçamento desse Estado e o impacto que teremos com o crescimento natural do Reuni é a principal pauta desse sindicato.

Vivemos uma época do novo sindicalismo, daquela luta que se faz através do diálogo, de uma relação franca e madura. Estamos – eu e a Adufrgs – em posições distintas na hora da negociação. Mas como sócio dessa entidade, entrego também ao presidente Claudio Scherer a função de lutar pelo nosso futuro e nossos direitos".

**Rejane de Oliveira, presidente do Cpers Sindicato**

"A Adufrgs é uma entidade que ao longo de sua história construiu a luta dos trabalhadores. São parceiros na busca de um projeto pedagógico para a educação. Já estamos estabelecendo prioridades e trabalhando unidos em nossos objetivos".

**José Lopes de Siqueira Neto, presidente da APUBH**

"Essa eleição confirma o que os professores da UFMG e da Ufrgs já sabem: nossos colegas estão cansados daqueles que se dizem representantes dos docentes, mas não negociam com governo algum e nada trazem para os docentes do ensino público federal. Junto com os colegas da Adufrgs Sindical estamos construindo o Novo Movimento Docente, trazendo conquistas reais a todos professores, mesmo aos que não nos apoiam ainda. Contem conosco na luta!".





# Adufrgs sopra a 31ª velinha

Com direito a uma belíssima apresentação do Quinteto de Cordas Porto Alegre, seguida de uma mesa de queijos e vinhos, a Adufrgs Sindical comemorou 31 anos no dia 17 de junho.

O auditório da sede da entidade, no bairro Cidade Baixa, ficou pequeno. Professores de todas as gerações estiveram presentes, acompanhados de familiares, para apreciar a boa música executada pelo Quinteto de Cordas Porto Alegre. Tiago Ellwanger no 1º violino, Paula Bujes no 2º violino, Reinaldo Ávila na viola, Pedro Huff no violoncelo e Ana Paula Freire no contrabaixo foram aplaudidos de pé depois de executarem Menuetto de L. Bocherini, Serenata Norturna de W. A. Mozart, Marcha Militar de F. Schubert, Música Aquática de Handel, além de músicas clássicas e populares.

Na ocasião, a Adufrgs doou dois exemplares do Atlas Ambiental de Porto Alegre ao Projeto Vela Social, do Clube Náutico Belém Novo, representado pela bióloga Cristiane Forneck. Desde 2004, o projeto atende crianças e adolescentes de 8 a 16 anos e tem como objetivo resgatar a cultura náutica e de pesca, além de conscientizar sobre a importância da preservação do meio ambiente. “Os Atlas serão de

extrema importância no nosso trabalho”, ressaltou Cristiane.

Após a apresentação do Quinteto de Cordas, os convidados passaram à mesa de queijos e vinhos, preparada com esmero pela organização do evento. Para o presidente da Adufrgs Sindical, Claudio Scherer, foi uma satisfação ainda maior comemorar os 31 anos da entidade logo após um resultado positivo nas urnas. “Isso mostra que estamos no caminho certo”. Segundo ele, a última eleição, realizada em maio, registrou um dos maiores índices de participação na história da Adufrgs.

## História

Fundada em 1978, a Adufrgs foi a melhor expressão do engajamento dos professores da Ufrgs na luta pelo fim da ditadura militar. Mais tarde, firmou-se o caráter sindical da entidade, permitindo que fossem desenvolvidos instrumentos legais e jurídicos para defender os interesses dos docentes universitários. Com isso, estreitaram-se os laços dos professores com as demais categorias de trabalhadores. No início da década de 1990, a Adufrgs foi submetida à primeira mudança estatutária, quando passou a ser seção sindical da Andes.

No final do ano passado, uma Assembleia Geral aprovou a segunda alteração de estatuto, que transformou a Adufrgs em sindicato independente. Atualmente Sindicato dos Professores das Instituições Federais de Ensino Superior de Porto Alegre (Adufrgs Sindical), a entidade ampliou sua base e agora, além dos professores da Ufrgs, representa docentes da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IF-RS/Campus Porto Alegre). ▀



Claudio Scherer, presidente da Adufrgs, entrega Atlas de Porto Alegre à representante do Projeto Vela Social, Cristiane Forneck.



Paulo Lins

# “A questão principal da violência não é a droga. São as armas”

Para o consagrado autor do livro “Cidade de Deus”, que deu origem ao filme, o maior responsável pela violência não é o tráfico de drogas em si, mas a quantidade de armas que existe no País. “O Brasil fabrica e exporta armas.

Qualquer pessoa pode ter uma arma. O primeiro passo seria parar de produzir. E só quem pode fazer isso é o Estado”. São as armas que viabilizam o tráfico de drogas e este financia as armas. E quem sustenta o mercado é, majoritariamente, a classe média. Paulo Lins esteve em Porto Alegre no mês de junho, para participar da Jornada contra a Violência e por Justiça Social, evento promovido pelo Sindicato dos Bancários com o apoio de várias entidades e instituições, entre elas a Ufrgs. Nesta entrevista, feita em conjunto com o Jornal da Universidade, ele explica a pirâmide social dentro da favela, que indica quem nasce marcado ou não para ser bandido, fala um pouco dos anos em que viveu na Cidade de Deus e do seu trabalho como escritor e militante dos movimentos pela paz.

texto e fotos Maricélia Pinheiro





### **A que o senhor atribui o sucesso de seus livros?**

Ao momento em que estamos vivendo. Até os anos 60 não se ouvia falar muito em violência urbana, racismo, exclusão social. Os artistas e a esquerda, naquela época, não se preocupavam muito com isso. A luta era contra a repressão e pela liberdade de expressão. Racismo? Nem se tocavam. Pobreza, fome... Me diz uma pessoa que falava sobre isso naquele tempo?

### **E a história retratada no livro-filme *Cidade de Deus* inicia justamente nessa época.**

Exatamente. E todos esses problemas sempre existiram dentro das favelas, nas periferias. Desde que o Brasil é Brasil existe essa violência social. Só que isso não era noticiado na grande mídia, limitava-se à publicação em jornais sensacionalistas, que só os pobres liam. Quando começaram os sequestros, sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro, e a classe média começou a ser atingida, os grandes jornais, canais de TV, passaram a falar sobre o assunto. As universidades começaram a estudar o tema. Os jornais passaram a dar mais ênfase a isso, e os artistas também. A diferença é que surgiram dezenas de artistas e escritores oriundos das favelas, que falavam dessa realidade. Como é o meu caso, do Ferréz (autor de *Capão Pecado*, entre outros), do pessoal do movimento Rap. Vieram estudos na antropologia, sociologia. Esse tema ficou emergente, porque não dava mais para se calar, não dava para fingir que não existia.

### **Isso se deu exatamente em que década?**

No final da década de 60, início da década de 70 começaram se formar as grandes quadrilhas, o tráfico de drogas começou a se organizar, não ainda em facções. Nessa época, aumentou o consumo, cresceu a clientela.

### **Esse quadro tem relação direta com o crescimento da violência nas escolas?**

Para mim, essas brigas entre gangues de escolas têm muito mais a ver com

## **Quem entra para a criminalidade são pessoas que vêm de famílias desorganizadas. Eu diria que são poucas. O Brasil é um país de poucos bandidos.**

arroubo de juventude e má criação. Bem diferente da violência que vemos nas favelas, que surge porque a maioria das pessoas não teve oportunidade. É uma coisa difícil, porque no meio desse bolo tem muita gente que está ali por prazer, para provar a valentia. Mas, sobretudo, quem entra para a criminalidade são pessoas que vêm de famílias desorganizadas. Eu diria que são poucas. O Brasil é um país de poucos bandidos.

### **Então, se a violência nas escolas é antiga, essa que vemos na favela representaria uma nova face da violência?**

Não dá para generalizar. Essa violência que leva os jovens, em sua maioria negros, pobres e favelados a morrer tão cedo, pode ser explicada pela nossa própria história, com a exclusão desde sempre de negros e índios. Durante muitos anos o Brasil figurou entre os países com a pior distribuição de renda do mundo, a escola pública não funciona, não é atrativa. E as pessoas precisam trabalhar para comer. No meu tempo de adolescente, as meninas com 14, 15 anos iam trabalhar como empregada doméstica e sem carteira assinada. Ninguém se preocupa com isso.

### **Esse quadro é diferente hoje?**

Não. Sempre foi assim. Os meninos começavam a trabalhar com 10, 12 anos. As meninas com um pouco mais. Só que hoje as favelas cresceram muito, não tem emprego para

essa gente toda e aí eles partem para o tráfico de drogas. Porque é fácil, muito mais do que assaltar. E compra quem quer, como eles dizem. Existe toda uma facilidade. Mas a questão principal da violência não é a droga. O grande problema são as armas. Mas ninguém toca nesse assunto. Droga não mata ninguém. Quer dizer, mata aos poucos e quem quer. O que mata mesmo é o poder de fogo, são as armas. E a mídia não toca nesse assunto, porque é corporativista. Por que isso não vem à tona? Por que a mídia e a polícia não discutem isso? Você vê prender Fernandinho Beira-Mar, apreensão de não sei quantos quilos de cocaína. Mas e os carregamentos de armas? E as munições, vêm de onde? Quem manipula tudo isso? Esse questionamento é que a sociedade tem que fazer.

### **A que o senhor atribui o fracasso da campanha do governo em prol do desarmamento?**

Tinha a bancada da arma no Parlamento, tanto na Câmara quanto no Congresso. Eles fizeram muito lobby, trabalharam para que o plebiscito não aprovasse o desarmamento.

### **O senhor é favorável ao desarmamento?**

Sim. Acho que não deveria ter arma. Inclusive fiz campanha. Para quê arma?

### **Qual seria a influência direta da mídia nesse quadro?**

O que posso ver com relação à mídia é a questão do bem-sucedido. Da felicidade através do poder aquisitivo, do poder de consumo. A televisão em geral é muito ruim, só passa besteira. Isso é aqui, na Alemanha, na Áustria, em qualquer lugar do mundo. Na televisão sempre quem tem a mulher mais bonita ou o homem mais bonito é aquele que tem algo para oferecer, um carro, um iate. Então se vincula o amor à posse de bens materiais. A pessoa não é mais feliz porque é rica ou mais triste porque é pobre. A miséria, sim, traz infelicidade. Mas se você é pobre, tem uma casa, comida, serviço de saúde e os filhos na escola, você pode ser feliz. Ainda mais se tem



chances de ascender socialmente. Mas se o sujeito está na miséria, morando num barraco, passando fome e vê na televisão que os jovens que têm dinheiro são felizes, ele vai em busca desse ideal a qualquer custo.

**Dentro da favela, quem está mais suscetível a ingressar na marginalidade?**

A gente sabe exatamente quem vai virar bandido e quem não vai. Desde o momento em que nasce. É só observar a família de onde vem. No Rio de Janeiro, são os mais pobres, os mais negros – faz-se uma diferença muito grande entre negro e mulato – e os descendentes de nordestinos. Hoje em dia, os maiores chefes de quadrilha nas favelas do Rio são nordestinos. Na verdade, sobre a origem da violência no Brasil a gente sabe tudo, não tem muito o quê discutir. Nos países com uma realidade sócio-econômica diferente da nossa, os tipos de violência são outros. Aqui no Brasil é onde mais se mata com arma de fogo. Aqui, na Venezuela e na Rússia.

**E nos Estados Unidos, que é um dos países mais armados?**

É uma realidade social diferente. Lá o negro tem mais oportunidades do que no Brasil. Não tanto quanto os brancos, mas tem.

**Mas esse quadro do Brasil se repete em vários países da América do Sul, não?**

Na Colômbia melhorou muito. Na Argentina, Chile e Uruguai não existe esse tipo de violência. Nem no Paraguai. No Equador, as armas de fogo estão chegando agora. Estive lá recentemente e soube que até pouco tempo usavam nos assaltos pedaços de pau, faquinhas. E qual o país que exporta armas para o Equador, para a Venezuela? O Brasil.

**Quer dizer que o Brasil fabrica, consome e exporta armas. E esse seria o principal gerador da violência...**

**No Rio de Janeiro, viram bandidos os mais pobres, os mais negros e os descendentes de nordestinos. Na verdade, sobre a origem da violência no Brasil a gente sabe tudo, não tem muito o quê discutir.**

Só tem batida de carro porque existem carros. Só tem crimes com armas de fogo porque elas estão aí. No Brasil, qualquer um pode ter uma arma.

**E teria muita gente grávida por trás disso tudo...**

Essa questão está instalada em todos os poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário. Nas Forças Armadas. E não existe poder paralelo sem corrupção. E a corrupção está no meio de quem lida com armas, com drogas, com o Judiciário. As corrupções só aparecem no âmbito político. E a corrupção de colarinho branco? Por que não aparece? Recentemente foi presa a dona da Daslu, mas através de denúncia da Polícia Federal. Isso é muito pouco para um país do tamanho do Brasil.

**Aqui no RS se fala em privatizar o Sistema Penitenciário. Na sua opinião, a que isso pode levar?**

Do jeito que está, talvez o melhor seja privatizar mesmo. Porque hoje o sistema penitenciário é completamente nocivo à sociedade. E se queremos fazer uma revolução, temos que começar pelas cadeias.

**Não seria pela escola?**

Pelas cadeias também. Porque o sujeito é preso e sai da cadeia ainda mais escolado no crime. Tem que haver uma reeducação. Ao mesmo tempo existe um problema: quem é que aceita empregar um ex-presidiário? Então, o cara sai da cadeia e vai fazer o quê?

**Voltando ao tema do desarmamento, de que forma poderia se lutar, depois do fracasso do plebiscito, para combater o consumo de armas?**

Para começar teria que parar de fabricar e de importar. E quem deve controlar isso é a Polícia Federal e as Forças Armadas, é o Estado organizado, o poder público, quem cuida das fronteiras. Na verdade são poucas as armas importadas, a grande maioria morre com armas produzidas aqui.

**Então o Brasil teria que parar de fabricar armas.**

Acho que seria necessário. Ou haver um maior rigor. Vocês não imaginam o que é um tiroteio na favela. Às vezes dura três, quatro dias, sem parar. Para quem está lá embaixo, no seu apartamento de classe média, protegido pela polícia, não há tanto problema.

Mas quem vive na favela não pode sair de casa para o trabalho, para a

**E não existe poder paralelo sem corrupção. Mas isso só aparece no âmbito político. E a corrupção de colarinho branco?**





escola. Eu convivi com essa realidade durante boa parte da minha vida. Hoje não sei como vivi assim tanto tempo.

#### **O senhor frequenta até hoje a Cidade de Deus?**

Sim, frequento. Porque tenho lá as obras sociais das quais participo, as festas, o samba...

#### **Fale um pouco sobre como funciona a pirâmide social dentro da favela.**

Na pirâmide social da favela existe o excluído necessário e o excluído desnecessário. O necessário é aquele que serve à classe média, ganha pouco e não tem acesso a nada. Trabalha para pagar as contas e comer. Ou seja, sobrevive. São as empregadas domésticas, os porteiros... De vez em quando ganha um casaco velho da madame. Tem uma música do Zeca Pagodinho que fala nisso: "Benza Deus a comadre Mary Lu, que já fez muita faxina pra gente granfina lá na zona sul... ganhou cacareco pra chuchu, hoje ela é empresária tem brechó na área de Nova Iguaçu". Então é isso. São empregadas domésticas e muitas trabalham sem carteira assinada.

#### **Mas não existe uma fiscalização?**

Existe, mas não funciona. No topo da pirâmide estão os recrutas de baixa patente, pedreiros, motoristas de ônibus, domésticas, o que se chama de mão-de-obra não especializada. Esse pessoal, principalmente os que conseguiram manter-se em seus empregos, sobreviveram a todas as crises econômicas, forma a elite da favela, mais ou menos 10%. Dali não sai bandido. Logo abaixo vêm os profissionais de baixo escalão. São assistentes de pedreiros, de eletricitas, domésticas que bancam a casa sozinha. Pessoas que estão empregadas, mas não têm uma profissão definida. Logo abaixo vem aquele pessoal que já esteve empregado, mas atualmente vive de bico, faz trabalhos fora da favela. Depois vêm aqueles que não saem da favela, vivem de pequenos serviços ali dentro mesmo, um ajudando o outro,

vão para as esquinas pedir dinheiro. É dessa última classe, que representa cerca de 30%, que saem os bandidos, os criminosos. Geralmente são filhos de pais separados, mães solteiras, famílias desestruturadas. O maior problema na favela é o álcool, porque as pessoas começam a beber, perdem o emprego e o respeito dos filhos. As mulheres são as que sofrem mais nessa história toda. Se vocês vissem o desespero de uma mãe, quando percebe que o filho está caindo no crime!

#### **Filho ou filha, não é?**

Quem entra para o crime são os homens. As mulheres são filhas de Deus. A gente não vê mulher matando, dando tiro. Isso é raríssimo. O máximo que fazem é um furto. Mas partir para a violência, não. A mulher não tem esse dom. Isso é coisa de homem. Como diz o Michel Foucault, "do seu ventre nascem os homens e os deuses". Ou "a mulher foi a parteira, a professora, a ama de leite. O homem foi o soldado, o guerreiro, o papa". Isso está no livro "Sobre as feitiçarias", onde ele vai descrevendo as profissões e vai esculhambando com o mundo masculino.

#### **Mas a gente vê casos de pessoas que vivem nas favelas, que conseguem estudar e mudar sua história, como é o caso do senhor, por exemplo. Isso se deve a valores passados pela família?**

Eu tive uma família estruturada, mas só consegui estudar porque sou o caçula de quatro filhos. Meus irmãos não estudaram. Quando cheguei na idade escolar, meus irmãos já eram adultos, todos



**A violência com armas de fogo na Colômbia melhorou muito. Na Argentina, Chile e Paraguai e Uruguai não existe. No Equador, as armas de fogo estão chegando agora. E qual o país que exporta armas para o Equador e para a Venezuela? O Brasil.**

trabalhando, ajudando em casa. Meu pai nunca ficou desempregado, mas ainda assim eles não puderam estudar muito tempo, porque tiveram que trabalhar cedo. A questão é que o sujeito trabalhador, que dá duro das 7 da manhã às 7 da noite, não tem dinheiro para nada. Ele come, dorme e trabalha. Muitas vezes mora mal. Então, para muitos, trabalhar não é negócio.

#### **Então, a sua família fazia parte da elite da favela?**

Sim. Meu pai sempre esteve empregado, tinha carteira assinada, férias, 13º salário. Minha mãe trabalhou como empregada doméstica, depois adoeceu e ficou em casa. Como caçula, eu fui criado com a mamãe do lado, papai chegando à noite com as compras. Meus irmãos me davam dinheiro, roupas. ▴

**Do jeito que está, talvez o melhor seja privatizar os presídios mesmo. Porque hoje o sistema penitenciário é completamente nocivo à sociedade. E se queremos fazer uma revolução, temos que começar pelas cadeias.**



# Memorabilia da transformação urbana

Banco de imagens mantido pelo Laboratório de Antropologia Social coleciona lembranças da sociedade e reflete sobre as diferentes formas de entender mudanças culturais

por Naira Hofmeister

Rede é a palavra-chave para entender o que é e como funciona o Banco de Imagens e Efeitos Visuais (Biev), mantido desde 1997 pelo Laboratório de Antropologia Social da Ufrgs.

O Biev tem quatro mil itens no seu acervo: fotografias, ilustrações, vídeos, textos e sons. São majoritariamente representações da cidade de Porto Alegre, mas também, documentos que retratam o interior do Estado, São Paulo, Rio de Janeiro e França. O material é produto das pesquisas antropológicas – alguns itens são de arquivos antiquíssimos e há outros produzidos recentemente pelos próprios pesquisadores.

As coleções ajudam na prática da etnologia, ciência que estuda os grupos sociais através de suas características culturais. “Alguns conceitos se tornam mais compreensíveis a partir das imagens”, avalia o pesquisador Rafael Devos, apontando como exemplo a ideia de ‘formas de sociabilidade’.

O banco de imagens já existe há 12 anos e começou a ser formado durante um trabalho das professoras de antropologia Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha, hoje coordenadoras do Biev. Elas debatiam o conceito de “jogo da memória”, a saber “diferentes formas de entender as alterações na cultura”.

É essa a primeira conexão em rede que o banco de imagens proporciona: a ideia de que na nossa memória tudo está interligado e o significado de um evento pode ter diferentes interpretações.

Acessando o Biev, um pesquisador pode surpreender-se com as relações que a memória individual não faz porque é seletiva. “A intenção é romper com a noção enciclopédica de uma imagem para um significado. De que ‘patrimônio’ é representado por ‘prédio’”, exemplifica Devos.

Ou seja, traçar nexos entre imagens que seriam impensáveis para quem está diante do computador e, dessa forma, promover novas reflexões sobre o comportamento da sociedade. “Queremos compartilhar possibilidades de questionamento”, revela o pesquisador.



O próprio Rafael viveu uma situação parecida quando, em 2001, realizava um estudo etnográfico na comunidade da Ilha Grande dos Marinheiros. As manchetes dos jornais à época davam conta da tragédia que havia se abatido sobre a população ribeirinha diante do aumento do nível do Rio Guaíba em mais de dois metros. Rafael fotografou um morador aproveitando a cheia para pescar sem sair de casa. “Segundo ele, não há lugar mais bonito para morar”, anotou o pesquisador.

Essa informação está propositalmente anexada à imagem. “Nossa intenção é levar adiante a história do documento, o contexto em que foi produzida”, completa.

Outra informação impossível de ignorar pesquisando o acervo do Biev é a intensa presença de negros e indígenas nos primórdios de Porto Alegre. “Outras histórias são possíveis que não as oficiais”, alerta Devos.



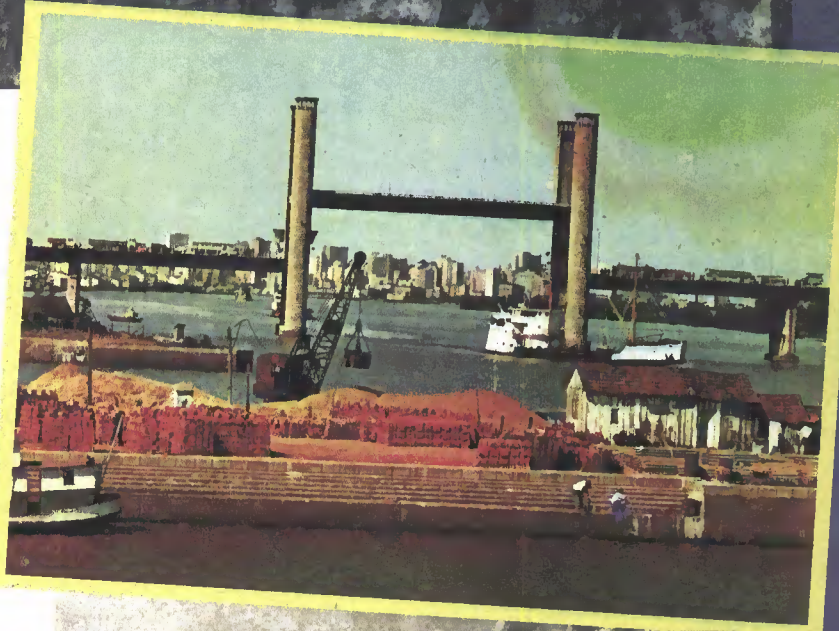


## Um reflexo da passagem do tempo

E sempre que a sociedade modifica seu comportamento, essa transformação aparece fundamentalmente em suas obras. No caso das cidades – o objeto de estudo do Biev – as alterações mais evidentes são da paisagem urbana. “A cidade está em constante destruição e reconstrução”, pontua Cornélia.

É nesse momento em que se intensifica a vontade de documentar o que está ameaçado. Prefeito de Porto Alegre nas décadas de 30 e 40, Loureiro da Silva decidiu “modernizar” a cidade. Botou abaixo dezenas de prédios para construir largas avenidas. Nessa época foi produzido um álbum da cidade com registros de coisas que depois desapareceram. “Imagens de lugares que não existem e de pessoas que já morreram possuem um peso muito grande”, acredita Devos.


Mas o fato de um local não existir mais não quer dizer que haja uma memória perdida, sublinha a coordenadora do banco de imagens. “Em algum momento a memória se reflete no presente e é importante promovermos esse encontro”, acredita.



O instante que desencadeia o processo de rememoração pode ser um encontro com outras pessoas, um cheiro, ou, claro, uma lembrança congelada através de uma fotografia. “Quando nos vem uma lembrança à mente, ela é uma imagem”, observa Corneia.

Nem por isso o Biev está restrito a fotos ou vídeos. Há um acervo, que vem sendo bastante ampliado de recordações sonoras, que podem ou não ser associadas aos recursos visuais. Também os textos são tratados como imagens descritas. “Falta uma maneira de documentar o cheiro”, brinca o uruguaio Javier Taks, professor da Universidade da República do Uruguai que foi conhecer o Biev.

Todo o material está disponível para consulta gratuita. Por enquanto é preciso marcar hora – algumas informações também podem ser obtidas no [www.biev.ufrgs.br](http://www.biev.ufrgs.br). “Quem quiser pode copiar e levar para casa, usar em trabalhos, em publicações. Só não pode fazer uso comercial”, acrescenta o pesquisador Rafael Devos.

A boa notícia é que a segunda rede que está associada ao projeto é virtual. Até o final do ano todo o acervo do Banco de Imagens e Efeitos Visuais estará disponível para consultas na internet. “A mídia resgata a memória, mas cobra um preço muito alto”, alerta Cornélia, referindo-se aos bancos privados que possuem as empresas de comunicação. “Por isso, a universidade tem o dever de democratizar esse acesso”, conclui. 



Fotos: Biev



# Aposentados pedem urgência na votação do PL 01

**Aposentados de todo o Brasil participaram de uma grande manifestação em Brasília pedindo urgência na votação do Projeto de Lei 01/2007, que prevê uma política permanente de reajuste igual ao do salário mínimo para todas as aposentadorias e pensões.**

Nos dias 23 e 24 de junho, eles ficaram acampados em frente ao Congresso Nacional. No gramado foram colocados retratos dos 513 deputados, como forma de mostrar ao País o rosto dos parlamentares responsáveis pelo aumento ou redução do benefício. O protesto, desencadeado pela Confederação Brasileira de Aposentados, Pensionistas e Idosos (Cobap), tem como lema "Deputados em Férias, Aposentados na Miséria". Isso porque existe uma grande probabilidade dos parlamentares entrarem em recesso a partir de julho, antes de votar o Projeto de Lei.

Durante a vigília, os manifestantes receberam a visita do senador Paulo Paim (PT/RS) e dos deputados federais Cleber Verde (PRB/MA), Arnaldo Faria de Sá (PTB/SP), Darcísio Perondi (PMDB/RS) e Acélio Casagrande (PMDB/SC), que foram levar apoio à causa. Depois de muito protesto o presidente da Câmara, deputado Michel Temer (PMDB/SP), recebeu uma comissão de aposentados e explicou que o Projeto de Lei 01/2007 ainda não foi votado por pressões dos líderes governistas. Ele assumiu o compromisso público de colocar o projeto na pauta de votações antes do recesso do Legislativo Federal.

Além da votação urgente do PL 01/07, aposentados e pensionistas querem que o Congresso Nacional derrube o veto presidencial ao dispositivo aprovado pelos deputados e senadores em 2006, concedendo reajuste de 16,67% – índice igual ao da correção do salário mínimo. Eles lutam ainda pelo fim do fator previdenciário para as aposentadorias.

Fontes: Senado Federal e Cobap

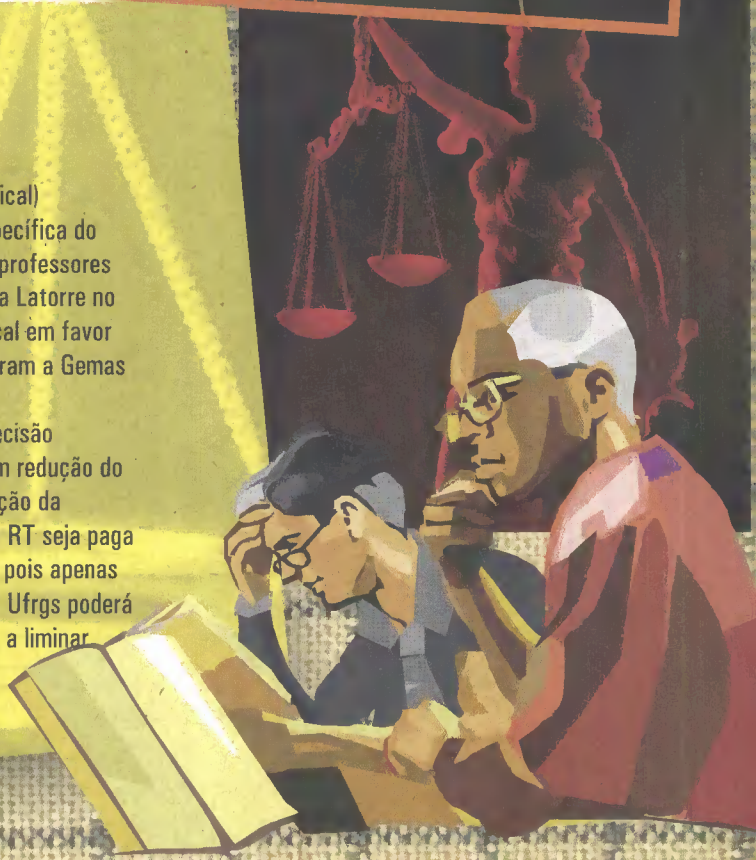


## Justiça decide a favor de docentes aposentados

Sindicato dos Professores das Ifes de Porto Alegre (Adufrgs Sindical) consegue liminar que garante pagamento integral da Gratificação Específica do Magistério Superior (Gemas) e da Retribuição por Titulação (RT) aos professores aposentados. A decisão foi tomada pela juíza federal Ana Inês Algorta Latorre no dia 16 de junho, em resposta ao processo movido pela Adufrgs Sindical em favor dos professores aposentados com proventos proporcionais e que tiveram a Gemas e a RT calculadas na proporção da aposentadoria.

Em alguns casos, este critério trouxe redução do valor total. A decisão determina que, especialmente em relação aos professores que tiveram redução do valor, a Ufrgs restabeleça o pagamento da aposentadoria sem a redução da remuneração. O objeto da ação é que em todos os casos a Gemas e a RT seja paga pelo valor integral da tabela. O alcance da liminar é um pouco menor, pois apenas evita a redução de vencimentos até julgamento do pedido principal. A Ufrgs poderá recorrer, mas até que haja qualquer nova manifestação do Judiciário, a liminar deve ser cumprida.

Fonte: Assessoria Jurídica da Adufrgs





Fim do Diploma

# Do limão, uma limonada

Jornalistas reagem à decisão do STF e tomam as ruas do País em manifestações históricas. Considerada uma ameaça de fragilização da categoria, a cassação do diploma pode se transformar no condutor da revalorização profissional. O que depende não só de quem escreve o noticiário, mas também, de quem o lê.

por Naira Hofmeister, jornalista diplomada

A adesão em Porto Alegre à marcha que percorreu as ruas do centro e terminou com piquetes no Palácio de Justiça e na Assembleia Legislativa (dia 24 de junho) foi grande. Algumas centenas de jornalistas e estudantes exibiam narizes de palhaços e cartazes condenando a opinião do relator, Gilmar Mendes, e de outros sete ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) cujos votos cassaram a obrigatoriedade do diploma para trabalhar em redações.

Em outros estados o movimento se repetiu com número crescente de participantes, fato que está animando os líderes sindicais. "Temos que manter a mobilização. A trincheira do jornalista agora é o sindicato", avalia o presidente do Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul, José Maria Nunes.

A aposta na união em torno de entidades de classe — além dos sindicatos locais há a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) — funciona como uma luz no fim do túnel para os profissionais da comunicação. O parecer do STF é irreversível, mas as

manifestações contrárias estão impulsionando os parlamentares a resolver a situação no Legislativo. "O Congresso Nacional é o local onde esse debate deve ser feito", acredita o vice-presidente da Fenaj, Celso Schröder.

O senador Antônio Carlos Valadares (PSB-SE) diariamente recebe novas assinaturas à sua Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que determina a obrigatoriedade do diploma para profissionais do jornalismo (repórteres, produtores e editores, por exemplo) e o torna facultativo para os chamados colaboradores de jornais, os articulistas.

Até o fechamento dessa edição, já havia mais de 40 adesões à PEC. Sua aprovação depende do apoio de três quintos dos senadores em dois turnos, o que corresponde a 49 dos 81 votos da Casa. Antes, terá de passar pela Comissão de Constituição e Justiça (CCJ).

Há também a possibilidade de alguém propor um Projeto de Lei sobre o tema. "Estamos montando um grupo de estudos constitucionais para determinar o que é mais apropriado", revela Schröder.

Uma frente parlamentar em apoio à obrigatoriedade já está sendo formada, mas isso não garante agilidade no processo porque deputados





e senadores estão agindo com cautela. Consultado pela Agência Brasil, o ex-ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Maurício Corrêa, afirmou "ser possível tornar obrigatória a exigência do diploma por meio de emenda constitucional". Mas chamou a atenção para o risco de a iniciativa ser interpretada como repreensão à decisão do STF.

O excesso de cuidado pode estender o debate além do esperado. "Teremos eleições no próximo ano, o que dificulta o trabalho parlamentar", teme Nunes. Ainda assim, a avaliação é que o fim da obrigatoriedade do diploma para o exercício do jornalismo levou os profissionais a se unirem por questões corporativas. "Parece que foi um estalo. Muitos estão participando, inclusive gente das antigas", comemora o presidente do sindicato da categoria.

A entidade sofre com a falta de importância que os jornalistas gaúchos lhe conferem e sem a qual, é impossível anunciar conquistas significativas. O sindicato calcula que existam 12 mil jornalistas no Rio Grande do Sul. Entre seis e sete mil são filiados ao sindicato, mas menos de mil estão em dia com as mensalidades. Sem a mobilização da categoria, o salário médio está cada vez mais defasado.

No ano 2000, valia R\$ 769,10, o equivalente a cinco vezes o salário mínimo na época (R\$ 151). Cinco anos mais tarde, o piso foi reajustado para R\$ 1.135,00, o que correspondia a três vezes e meia os R\$ 300 do mínimo. E na última negociação coletiva, o sindicato dos jornalistas não conseguiu mais do 5,45% de aumento, o que sequer cobre a inflação no período, que foi de 5,9% no RS. A comparação entre o piso de jornalista, que agora é de R\$ 1.385,61 no RS com o salário mínimo, R\$ 465, mostra que a relação entre ambos caiu novamente: agora, o primeiro é 2,9 vezes superior. "Lula valorizou muito o mínimo, calculado também pelo aumento do PIB, além do INPC, utilizado para o nosso reajuste", justifica o presidente do sindicato.

### A quem interessa o fim do diploma?

O maior beneficiário da decisão do STF será o dono de jornal. A dificuldade de manter um dissídio anual da categoria daqui para frente é evidente para o sindicato. "No passado, o patrão justificava um salário baixo porque era ele quem expedia a carteirinha do jornalista", referencia Nunes.

Os profissionais do interior são os mais ameaçados de precarização porque nas pequenas cidades a mídia ainda é muito amadora. "Com a profissão regulamentada já encontramos dificuldades para pagar o piso nesses jornais", preocupa-se o sindicalista.

Especialmente nesses lugares, mas não exclusivamente, os meios de comunicação estão



### Remunerações comparadas

Ano	Piso Jornalista	Salário Mínimo	Relação
2000	R\$ 769,10	R\$ 151	5 vezes superior
2005	R\$ 1.135,00	R\$ 300	3,5 vezes superior
2005	R\$ 1.385,61	R\$ 465	2,9 vezes superior

concentrados nas mãos de políticos locais. Um levantamento (que pode ser conferido no site [www.donosdamidia.com.br](http://www.donosdamidia.com.br)) mostra que 300 detentores de mandato público são proprietários ou diretores de algum veículo de comunicação, incluindo concessões públicas, o que é proibido por lei. O site não contabiliza a relação indireta, ou seja, familiares e sócios de políticos que controlam algum veículo. "A imprensa brasileira nasceu sob o domínio de proxenetas e vigaristas. Não exigir o diploma será um retrocesso e vai levar para as redações aqueles mais dóceis e baratos", critica o vice-presidente da Fenaj, Celso Schröder.

O jornalista faz uma alusão ao argumento das entidades patronais da comunicação de que o diploma foi uma invenção dos militares (passou a ser exigido em 1969) para afastar das redações intelectuais críticos ao regime. "Essa desculpa é boba! Os intelectuais nunca deixaram de escrever", alerta o veterano do jornalismo cultural, Juarez Fonseca.

A justificativa de democratizar o espaço nos meios de comunicação pode desviar o foco de um debate antigo sobre a pluralidade da comunicação. A saber, se ela abrange a diversidade étnica, cultural e religiosa do Brasil. "Deveríamos estar discutindo o papel social da mídia", lamenta o presidente do Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul, José Maria Nunes.

Autorizar qualquer um a trabalhar como jornalista não garante opiniões múltiplas. Pelo contrário, pode dificultar ainda mais a exposição de determinados pontos de vista, já que essa é uma decisão editorial que sempre foi e continuará sendo tomada pelo dono do jornal.

Por essa mesma lógica os anunciantes também terão sua vida facilitada. Não é segredo que as redações sofrem pressão dos empresários para pautar determinados temas ou privilegiar alguns aspectos de



um debate. É o que o jargão jornalístico conhece como "pauta quinhentos".

E para quem duvida que os padrões – político ou comercial – são os maiores interessados na extinção do diploma e não mediram esforços para que o desfecho fosse esse, José Nunes conta que depois de uma audiência pública que debateu o tema, o chefe de redação do mais importante diário impresso de Porto Alegre veio pedir-lhe desculpas por ter defendido a extinção do diploma na tribuna. "Hoje falei pela empresa", revelou.

A diferença, daqui para frente é que haverá menos profissionais preparados para enfrentar essa barra pesada. Porque na faculdade de jornalismo aprende-se a buscar diversos ângulos de um determinado fato, de modo a oferecer uma visão mais plural possível. Quanto mais informações houver sobre uma ocorrência

jornalística, mais próximo o profissional estará diante da desejada objetividade da notícia.

Mesmo que sofra um corte na edição. "Às vezes os jornalistas se rebelam contra a hierarquia; apenas não podem fazer muito mais do que se demitir em nome de seus princípios", lembra o professor da Faculdade dos Meios de Comunicação da PUC, Marcelo Träsel, em seu blog (<http://trasel.com.br/blog>).

Por essas e outras, entre palavras de ordem que xingavam os ministros do STF (especialmente o relator Gilmar Mendes), os manifestantes de Porto Alegre cantavam "Sociedade, preste atenção, estão roubando o teu direito à informação". "Essa é a hora de o leitor se manifestar. Exigir profissionais de jornalismo é o primeiro passo para garantir um noticiário qualificado", defende Nunes.

## Pouca discussão na universidade\*

A determinação da não-obrigatoriedade do diploma para jornalistas é um paradoxo diante da iniciativa do Ministério da Educação de matricular 30% da população entre 18 e 24 anos na educação superior até 2011. "Isso vai desestimular os jovens a prestar vestibular", lamenta o jornalista Juarez Fonseca.

Na marcha de jornalistas em Porto Alegre, a ausência de professores e diretores das faculdades deixou entrever um descaso preocupante. A única representante da Fabico era a professora Sandra de Deus, também Pró-reitora de Extensão da Ufrgs. Ela estava inconformada com a omissão das faculdades. "Onde mais vamos discutir isso", perguntava-se.

O barulho gerado pela decisão do STF apenas ecoou pelas faculdades gaúchas. As mesmas que entregam o tão discutido diploma a quem sobrevive pelo menos quatro anos em suas salas. Alguns núcleos foram formados por estudantes no

interior – o de Santa Maria é o mais conhecido. Mas em Porto Alegre a falta de consenso sobre o tema entre professores e alunos deixou a questão à deriva.

A posição institucional da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação Social (Fabico) sobre a polêmica é uma tímida garantia dada pelo diretor Ricardo Schneiders de que "a Universidade vai continuar a formar bons profissionais, independente da exigência do diploma". O que para ele, significa formar cabeças críticas, característica "que não costuma ser procurada pelos padrões".

Ao contrário do que se poderia concluir dessa formação atenta e fugaz, a obrigatoriedade do diploma para jornalistas foi pouco discutida (apesar de estar sendo debatida na Justiça desde 2001). Houve um único evento organizado pela faculdade, em setembro de 2008, que teve presença fraca de estudantes. Em sala de aula, alguns professores colocaram em pauta o tema, principalmente com bixos.

Com a discussão na faculdade morta desde o semestre passado, coube aos próprios alunos dar novo ar à questão.

Os estudantes e editores do blog "Jornalismo B" promoveram, dois dias antes da decisão do STF, um debate sobre a necessidade do diploma. Mas novamente, poucos

compareceram.

Alguns alunos justificam a tímida participação com a velha desculpa de final de semestre, quando a maior parte já não vai mais à faculdade. Mas os que estavam por lá, permaneceram desmobilizados.

Nos corredores percebe-se a timidez dos estudantes em abordar a decisão. Quando alguém levanta o assunto, a pergunta geralmente se resume a um "tu concorda?" e a resposta é monossilábica: sim ou não. Pelo respeito com a opinião do outro, preguiça ou o sentimento de que simplesmente nada irá acontecer, nenhum dos lados estende a discussão.

Infelizmente são as piadas de final de semestre que mais discorrem sobre o tema. "Para que terminar este trabalho ou ir bem em uma prova se eu não preciso mais me formar pra trabalhar?"

Há exceções. Aluna do primeiro semestre de jornalismo, Anelise de Carli, não vê a formação profissional prejudicada. "Justamente agora temos que valorizar a formação superior em comunicação. Sem a obrigatoriedade, será a qualidade dos conteúdos produzidos pelos jornalistas que realmente vai determinar a colocação na busca de oportunidades de trabalho. Não haverá mais jornalistas de papel, mas de profissão". ☺

\* Reportagem de Aline Pellegrini, estudante da Fabico, Ufrgs



# Mate matemática:

## um bicho-de-sete-cabeças?

**Célso Nunes Toledo**

Professor do Instituto Federal de Educação,  
Ciência e Tecnologia/Porto Alegre

*"As leis da natureza nada mais são que pensamentos matemáticos de Deus"*

Johann Kepler (1571-1630), astrônomo e matemático alemão

A maioria das pessoas, quando indagadas sobre qual a disciplina mais difícil que tiveram de estudar em sua vida responderá sem pestanejar: Matemática! E, em não poucos casos, a resposta vem acompanhada por observações ou comentários nada favoráveis: "Detestava matemática...", "Não sei para que aquelas aulas, não me serviam para nada...".

No decorrer de minha vida profissional, nos mais diferentes lugares e níveis, seja ensinando Matemática para o então 2º Grau, no Colégio Anchieta; seja no Ensino Superior, com Cálculo Integral e Infinitesimal, na PUCRS, na Fapa, no Instituto de Matemática da Ufrgs, seja ainda no Ensino Técnico, em nossa Escola, várias vezes constatei este fato: os alunos chegam ao curso inseguros e não entendem por que têm de estudar conteúdos "tão difíceis".

Acredito que as dificuldades que os estudantes apresentam pela vida afora, em relação à Matemática, decorrem, sobretudo, de uma falta de orientação nos primórdios de sua vida escolar, quando foram submetidos às dificuldades decorrentes da necessidade de fazer abstrações sem conhecerem a natureza e a finalidade desse tipo de exercício mental. Também concorre para esses problemas o distanciamento entre a teoria e a prática cotidiana, o qual tende a aumentar com o passar do tempo, e a montante complexidade do conhecimento matemático a ser desenvolvido em aula.






Nesse sentido, costumo perguntar a meus alunos, em início de semestre: "Quem de vocês já utilizou seu conhecimento matemático, hoje?" Resposta frequente: "Nem hoje, nem nunca, professor, nem sei para que serve". "Mas vejam", explico, "ao sair de casa para ir ao trabalho ou à escola, como foi que vocês decidiram se iriam a pé ou de ônibus? Provavelmente – e sem dar-se conta disso – comparando o tempo disponível com a distância a percorrer e talvez também colocando nesse cálculo a variável valor da passagem... E ao pagar a passagem e receber o troco, que tipo de conhecimento vocês acionaram?" Em geral, não são necessários outros exemplos para levar à conclusão de que essas ações cotidianas, como muitas outras, dependem de raciocínio, de lógica, de cálculos matemáticos.

Talvez Schelbach tenha exagerado um pouco ao afirmar que "quem não conhece a Matemática morre sem conhecer a verdade científica", mas o certo é que vivemos e nos movemos imersos no pensamento matemático, o qual, conforme Laisant, "é o mais maravilhoso instrumento criado pelo gênio do homem para a descoberta da verdade.", estando presente na base de muitas outras ciências, exatas ou não. É fácil perceber que no desenho do arquiteto e no projeto do engenheiro está a Geometria; que no raciocínio do físico e no cálculo do estatístico está a fórmula matemática. Mas o pensamento matemático está igualmente presente na estrutura de uma argumentação oral ou de um texto escrito, pois sem lógica esses não se sustentariam.

Em nível mais específico, técnico, também é possível identificar a contribuição significativa da Matemática em diferentes áreas de conhecimento. Uma Regra de Três, por exemplo, além de básica para outros tantos procedimentos matemáticos, tem papel importante na resolução de problemas de Física, Química, Biotecnologia. Logaritmos são fundamentais para a Química, principalmente quando se estuda o pH (Potencial hidrogeniônico) e o pOH (Potencial hidroxiliônico) de uma substância. Juros Simples e Compostos são cálculos indispensáveis às práticas contábeis, às transações imobiliárias e a todos os profissionais de vendas.

Esses poucos exemplos parecem suficientes para evidenciar a importância do conhecimento matemático para todos nós e, em especial, para os profissionais técnicos. Se os alunos se sentem desconfortáveis diante dessa disciplina, cabe a nós, professores, vencer essa barreira, mostrando-lhes a importância, beleza e o potencial desse conhecimento extraordinário. Mesmo porque, da Matemática, nem mesmo Deus escapa, pois, conforme Kepler nos sugere na epígrafe a este texto, somos todos frutos de pensamentos matemáticos de Deus. 



## Seminário

# É hora de avaliar o Reuni

**Encontro reúne docentes, discentes e servidores técnico-administrativos para discutir o processo de implementação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni).**

texto de **Simone Ribeiro\***

As Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes) estão mudando muito para se adaptar ao Reuni. Adotado pelos Conselhos Universitários, desde a sua criação pelo decreto federal 6.096, no dia 24 de abril de 2007, o programa tem interferido direta e indiretamente na dinâmica de funcionamento das Ifes. As mudanças têm demandado uma reflexão madura e democrática por parte de todos os segmentos ligados ao ensino superior. E foi para discuti-las e propor sugestões para os processos de implantação, financiamento e futuro do Reuni que, representantes de Associações e Sindicatos Docentes do País, de Sindicatos dos Servidores Técnico-administrativos, docentes e estudantes participaram do 1º Seminário Nacional sobre o Reuni, nos dias 5 e 6 de junho, em Belo Horizonte.

Promovido pelo Sindicato de Professores de Universidades Federais de Belo Horizonte e Montes Claros (APUBH) e pelo Fórum de Professores das Instituições Federais de Ensino Superior (Proifes/Fórum), o Seminário abriu a possibilidade de dar uma resposta ao governo federal e aos gestores das Ifes sobre a realidade do Reuni na visão da comunidade universitária (docentes, discentes e técnico-administrativos). “A comunidade quer discutir, tem o que dizer sobre isso, tem críticas a fazer e é através das ADs e dos sindicatos que nós

vamos contribuir efetivamente para que o projeto de expansão das Universidades Federais seja algo concreto para o projeto de nação que queremos para o Brasil”, afirma José de Siqueira, presidente da APUBH.

A importância do debate também foi reconhecida por Ronaldo Pena, reitor da UFMG: “A universidade é a casa da diversidade, portanto, são necessárias posições que não sejam absolutamente homogêneas, pois é assim que nós vamos avançar”, afirmou durante a conferência de abertura. A situação da implantação do Reuni na UFMG, segundo o professor José de Siqueira, tem trazido situações inadmissíveis para um conjunto de 28 professores recém concursados. Estes professores estão trabalhando sem terem sido efetivamente contratados ou estão atuando como “voluntários”, sendo obrigados a assinarem um contrato sem validade jurídica.

O Ministério da Educação enviou um representante para participar do evento e apresentar a sua visão do processo de implantação do Programa. Rodrigo Ramalho Araújo, Coordenador-Geral de Expansão e Gestão das Instituições Federais de Ensino Superior analisou o Reuni a partir de três cenários principais: a educação superior brasileira; os ciclos recentes de expansão; e a expansão e estruturação do Programa. Entretanto, foram as informações repassadas sobre a verba federal para o Reuni que ajudaram a alimentar uma das discussões mais importantes: a garantia da continuidade do processo de expansão. De acordo com Ramalho, “pouco mais de 8 bilhões de reais estão reservados para o Reuni e até o presente não há nenhuma sinalização de cortes. O MEC pode até receber algum contingenciamento, mas os recursos do Reuni estão garantidos, isso o ministro da Educação tem reiterado várias vezes”. Dessa forma, os números seriam uma garantia de que haverá verba para a implantação do programa, contratação de pessoal (docente e técnico-administrativo) e conclusão das obras realizadas para garantir a infraestrutura mínima para funcionamento dos novos cursos de graduação. Mas o que acontece com a verba e o programa quando houver a mudança de governo?

Para o professor Eduardo Rolim, vice-presidente do Proifes e ex-presidente da Adufrgs Sindical, essa é uma das grandes incógnitas do programa e uma preocupação do Proifes. “O Reuni foi criado pelo Decreto 6.096 em 24 de abril de 2007. Todo programa feito por decreto não tem estabilidade institucional além do próprio governo que criou esse decreto”,



José de Siqueira, presidente da APUBH

Fotos: Felipe Zig






afirmou. “Então nós não temos nenhuma garantia institucional de que esse projeto vai efetivamente continuar nos anos de 2011, 2012 e a garantia de continuidade é fundamental para que ele possa evidentemente chegar aos termos de referência que foram determinados lá no início”, reiterou. Para Elenize Cristina, vice-diretora administrativa do Proifes e presidente da Associação dos Docentes da Universidade Federal de Roraima, o maior problema do Reuni talvez tenha sido a falta de discussão, “pois as pessoas não conheciam e já tiveram que aprová-lo meio que a toque de caixa”. Durante a sua exposição, Claudio Scherer, presidente da Adufrgs Sindical, apontou que o Reuni tem defeitos, mas que é necessário trabalhar para garantir a sua melhoria. “Uma vez criado o Reuni, é um início e está longe de chegar ao objetivo final, mas a partir daí, podemos levar o Brasil a uma situação comparável à dos países desenvolvidos”.

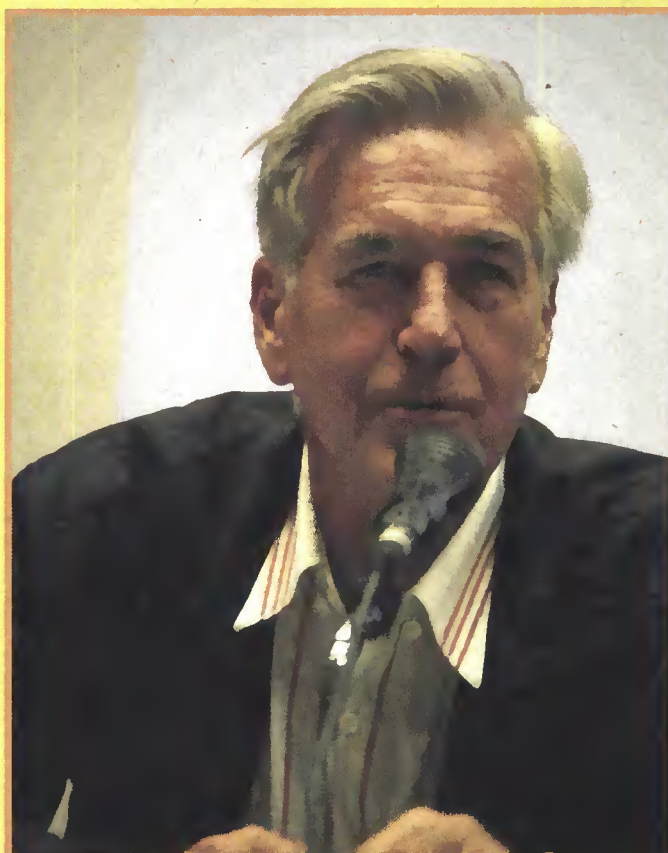
Outros pontos deram a tônica das discussões realizadas tais como o uso de bolsistas de pós-graduação, os professores nos novos cursos implantados nas Ifes, as verbas para construção de novos espaços para abrigar os novos cursos, o aumento do quadro de recursos humanos com a contratação de mais docentes e servidores técnico-administrativos e a relação de 18 alunos de graduação para cada docente. Estes tópicos foram exaustivamente discutidos sob a ótica das experiências dos primeiros meses do Reuni nas cinco regiões brasileiras.

O Futuro do Reuni nas Ifes foi o tema da última mesa-redonda do Seminário. Gil Vicente, presidente do Proifes, fez uma avaliação da regulamentação do Reuni a partir da análise dos investimentos e propostas criadas pelo atual governo e o seu antecessor. Já Márcia Pontes, assessora técnica da Pró-reitoria de graduação da UFBA discorreu sobre a experiência de implantação do Reuni na universidade baiana e as perspectivas de ações e resultados no futuro. Ela apresentou as três principais opiniões sobre o programa de expansão, mais presentes entre os membros da comunidade universitária. Em primeiro o repúdio ao programa porque é uma proposta do governo Lula; em segundo a universidade deve receber o dinheiro do Reuni, mas

sem se adaptar à sua proposta; em terceiro as metas ligadas à expansão são ótimas, mas não as metas ligadas à produtividade do trabalho.

Encerrando a mesa, João Augusto Rocha, diretor-acadêmico da APUBH, fez uma reflexão sobre a perspectiva de continuidade do Reuni, analisando-o desde a sua origem e destacando os pontos em que o programa configura-se “como uma grande novidade na educação brasileira”. O compromisso de realizar mais discussões sobre o tema e formatar uma proposta com sugestões de melhoria foi firmado ao final do Seminário, com o objetivo de garantir o cumprimento das metas do Reuni, melhores condições de acesso às Ifes e de trabalho para os docentes. 

\*Assessoria de Imprensa da APUBH



Claudio Scherer, presidente da Adufrgs/Sindical



## Bancos ganham mais auxílio do que pobres

Apenas no ano de 2008, os bancos tiveram mais ajuda do que os pobres em 50 anos. Os dados são da Organização das Nações Unidas (ONU) e mostram que enquanto os países pobres receberam, em meio século, cerca de US\$ 2 bilhões em doações de países ricos, bancos e outras instituições financeiras ganharam, em apenas um ano, US\$ 18 bilhões em ajuda pública. A ONU alertou que a crise econômica mundial piorará ainda mais a situação dos países mais pobres, agravando os problemas da fome, da desnutrição e da pobreza. Segundo o diretor da Campanha pelas Metas do Milênio, Salil Shetty, esses números mostram que a destinação de recursos públicos ao desenvolvimento dos países mais pobres não é uma questão de falta de verbas, mas sim de vontade política.

Um dos efeitos desta perversa distorção foi apontado pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO): a quantidade de pessoas desnutridas aumentará no mundo em 2009, superando a casa de um bilhão. "Pela primeira vez na história da humanidade, mais de um bilhão de pessoas, concretamente 1,02 bilhão, sofrerão de desnutrição em todo o mundo",



advertiu a entidade. A FAO considera subnutrida a pessoa que ingere menos de 1.800 calorias por dias. Do total de pessoas subnutridas hoje no mundo, 642 concentram-se na Ásia e na região do Pacífico; 265 milhões vivem na África Subsaariana e 53 milhões na América Latina e Caribe. Em 2008, o total de desnutridos tinha caído de 963 milhões para 915 milhões, devido a uma melhor distribuição dos alimentos. Mas com a crise da economia mundial, o quadro de fome no mundo voltará a se agravar. Segundo a estimativa da ONU, um milhão de pessoas deverá passar fome no mundo nos próximos meses.

(Fonte: Carta Maior)

## Entidades defendem Código Florestal e denunciam devastação no RS

O Movimento Gaúcho em Defesa do Meio Ambiente (Mogdema), articulação que reúne instituições ambientalistas, sindicatos e movimentos sociais da cidade e do campo, divulgou um manifesto no dia 25 de junho, durante audiência pública na Assembleia Legislativa, em defesa do texto do Código Florestal, que vem sendo objeto de ataque, principalmente por parte do agronegócio. O movimento considera que o atual Código Florestal representa a tutela mínima do Estado brasileiro sobre o Meio Ambiente, sendo, assim, inegociável.

O texto manifesta apoio às medidas legais de diferenciação entre pequenos e grandes produtores, a fim de garantir a viabilidade da produção agrícola camponesa, agroecológica e familiar e dos pequenos agricultores. As entidades ambientalistas do Rio Grande do Sul avaliam que as alterações climáticas e o colapso ecológico que já estamos vivenciando hoje são provocadas e agravadas por um modelo agrícola petrodependente, que produz mercadorias tóxicas e não alimentos.



O manifesto critica a política ambiental do governo estadual e a define como "uma situação absolutamente inaceitável e sem precedentes na história da política gaúcha, com interesses privados se sobrepondo ao que é de direito público". Como exemplo gritante de conflito de interesses cita o fato do atual secretário estadual do Meio Ambiente, Berfran Rosado, ter liderado a Frente Parlamentar Pró-Florestamento, conhecida como bancada da celulose. Esse quadro piora, na medida em que Rosado é também presidente do Conselho Estadual do Meio Ambiente (Consema), órgão que deveria fiscalizar as ações do governo. Por fim, o documento denuncia a corrupção estrutural no governo Yeda Crusius (PSDB), acusando-o também de ser propulsor de um processo de devastação ambiental no Estado.

(Fonte: RS Urgente)

## Mortos pela ditadura militar são reconhecidos

A Iniciativa Latino-Americana para a Identificação de Pessoas Desaparecidas anunciou, no início de junho, a identificação dos restos mortais de 42 desaparecidos e assassinados pelo regime militar argentino entre 1976 e 1983. A Iniciativa é coordenada pela Equipe Argentina de Antropologia Forense e teve apoio de organizações do Peru, Guatemala e do atual governo argentino. Estima-se que o regime militar argentino tenha assassinado entre 18 mil e 30 mil pessoas.

(Fonte: Agência Chasque)





# Apub sai da Andes e cria sindicato local

Professores filiados à Associação dos Professores Universitários da Bahia (Apub) decidiram, através de plebiscito realizado nos dias 16 e 17 de junho de 2009, desfiliar-se da Andes e transformar a entidade em Sindicato dos

Professores das Ifes da Bahia.

A decisão segue o caminho já trilhado pelas ADs de Belo Horizonte, São Carlos e Porto Alegre e acompanha uma tendência nacional no Movimento Docente, que vem se renovando na última década, principalmente a partir da fundação do Fórum dos Professores das Ifes (Proifes), em 2004. Para os apoiadores do chamado Novo Movimento Docente, o resultado do plebiscito na Bahia deve repercutir em todo o País e impulsionar outras ADs a fazer o mesmo, ajudando a consolidar uma nova entidade sindical de caráter nacional dos Professores da Ifes, autônoma, democrática e propositiva.

Participaram do plebiscito 1020 professores da Universidade Federal da Bahia (UFBA), da Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB) e do Instituto Federal da Bahia (IFBA), que responderam a duas perguntas: a Apub deve desfiliar-se da Andes? A esta primeira, 576 disseram "sim" e 377 "não". Tendo ainda 41

votos brancos e 29 nulos. A segunda – Apóia a transformação da Apub em Sindicato dos Professores das Instituições Federais de Ensino Superior da Bahia – recebeu 676 votos favoráveis, 281 contra, 56 brancos e 26 nulos.

Os maiores índices de participação se deram nas unidades localizadas no interior do estado. As unidades da UFBA nos municípios de Barreiras e Vitória da Conquista, assim como o campus da UFRB em Cachoeira registraram 100% de frequência às urnas, seguidas da Escola de Teatro da UFBA, com 95,2% de participação e do Instituto de Saúde Coletiva (90,9%). A única exceção foi o Centro de Formação de Professores da UFRB, em Amargosa, onde não houve votação.

## Mais de 40 anos de luta

Fundada em 6 de agosto de 1968, a Apub se manifestou publicamente pela primeira vez em uma grande

passeata contra a ditadura, no centro de Salvador, neste mesmo ano. Tinha como principal objetivo, assim como as demais ADs do País, defender os docentes perseguidos pelo regime militar. O movimento de criação da entidade, que então congregava professores de todas as universidades baianas, surgiu em resposta à invasão da Escola Politécnica da UFBA pelos militares. Em 1969, diante do recrudescimento do regime, a Apub teve que fechar as portas, reabrindo-as em 1978. Nesta nova fase, apenas professores da UFBA e do antigo Centec (atual Cefet) permaneceram filiados, o que mudou o perfil da entidade. No lugar de catedráticos, tomam a frente do Movimento Docente (MD) baiano os professores-colaboradores recém-ingressos na Universidade, sem vínculo definitivo com a instituição. Os esforços de luta se concentram na defesa intransigente da Universidade pública, gratuita, laica e de qualidade. ▲

## Cecut

# Woyciechowski é reeleito

Celso Woyciechowski, do Sindicato dos Trabalhadores em Administração Escolar no RS (Sintae), segue na direção da CUT/RS até 2012. Candidato pela Chapa 1 – Uma Só Classe, Uma Só CUT – ele foi reeleito com 57,92% durante o 12º Congresso Estadual da CUT (Cecut), que aconteceu em Imbé, no mês de junho. Participaram do evento 650 delegados e delegadas, entre eles cinco representantes da Adufrgs Sindical.

A chapa encabeçada por Woyciechowski teve o apoio do atual presidente da Adufrgs, Claudio Scherer e do anterior, Eduardo Rolim de Oliveira. A Chapa 2 – A CUT pode mais – era integrada pelo professor Barnech Campani, também delegado da Adufrgs Sindical. A executiva da CUT-RS será então constituída por oito representantes da Chapa 1 e seis da Chapa 2. Participaram ainda como delegadas das Adufrgs, as professoras Maria Luiza Ambros von Holleben, 2ª vice-presidente e Elisabete Sousa Otero, representante dos aposentados no Conselho de Representantes da Adufrgs.

No Congresso, as posições da entidade sobre Conjuntura, Balanço e Estratégia para o próximo período foram discutidas e votadas. Para o 10º Concuto (Congresso Nacional da CUT), que será realizado em São Paulo, entre 3 e 6 de agosto, a Adufrgs Sindical elegeu para delegados os professores Eduardo Rolim de Oliveira e Maria Luiza Ambros von Holleben, Claudio Scherer ficou como suplente. ▲





## O Caderno de Saramago

### Sastre

Junho 23, 2009 by José Saramago

Conheci o dramaturgo Alfonso Sastre há mais de trinta anos. Foi o nosso único encontro. Nunca lhe escrevi, nunca recebi uma carta sua. Fiquei com a impressão de um carácter áspero, duro, nada complacente, que não facilitou o diálogo, ainda que não o tivesse dificultado. Não voltei a saber dele, salvo por ocasionais e pouco expressivas notícias de imprensa, sempre relacionadas com a sua militância política nas fileiras *abertzales*. Nas últimas semanas, o nome de Alfonso Sastre voltou a aparecer como candidato cabeça-de-lista às eleições europeias, integrado numa Iniciativa Internacionalista de recente formação. A agrupação não obteve representação no parlamento de Estrasburgo.

Há poucos dias a ETA assassinou o polícia Eduardo Puelles pelo quase sempre infalível processo da bomba-lapa colocada na parte inferior dos carros. A morte foi horrível, o incêndio carbonizou o corpo do infeliz, a quem não houve maneira de acudir. Este crime suscitou em toda a Espanha um movimento geral de indignação. Geral, não. Alfonso Sastre acaba de publicar no jornal basco Gara um artigo ameaçador

Blog da Fundação José Saramago



### Idioma

» Espanhol

### Posts Recentes

- » Sastre
- » Regresso
- » Em Castelo Novo
- » O elefante em viagem
- » Netanyahu
- » Miguelis
- » Corpo de Deus
- » Epitáfio para Luis de Camões
- » Uma boa ideia
- » Paradoxal
- » A coisa Berlusconi
- » Carlos Casares
- » Laidismo
- » Viagens
- » Marlene Ana

## caderno.josesaramago.org

No ar desde setembro do ano passado, O Caderno, *blog* do escritor português José Saramago, surgiu da vontade do autor de ter uma comunicação mais próxima com os leitores. O *blog*, com mais de 2 milhões de acessos, traz comentários do cotidiano e virou livro, publicado esse ano.

## www.amoresexpressos.com.br

Site do projeto "Amores Expressos" que reuniu 17 escritores brasileiros mandando-os durante um mês para os mais diferentes países. A condição é que cada um mantivesse um *blog* durante a viagem sobre a experiência e escrevessem um livro que se passasse na cidade visitada. O primeiro livro publicado é Cordilheira, do escritor Daniel Galera, que passou um mês na Argentina. No site é possível conferir todos os *blogs* dos autores.



## ativastentativas.wordpress.com

Diego Grando, autor de Desencantado Carrossel (2008, Não Editora) mantém o *blog* **ativastentativas** - descontraídas formas de descontar o desconforto. O site é recheado de poesias, muitas delas com tradução para o francês feitas pelo próprio autor, já que Diego atualmente cursa doutorado na Sorbonne. As poesias possuem diferentes ritmos e melodias, estabelecendo um diálogo repleto de questionamentos com o leitor.



### um p(r)o(b)lema novo

Junho 6, 2009 by Diego Grando

Ralo

Ocorre que me escorro  
ultimamente  
pelos ralos  
em ralos pelos  
amaranhados tufo  
deste louro  
que me é caro  
e que na superfície  
sempre mais lunar  
do crânio  
do couro  
fica raso e raro  
avaro  
chelo de intervalos  
e entradas

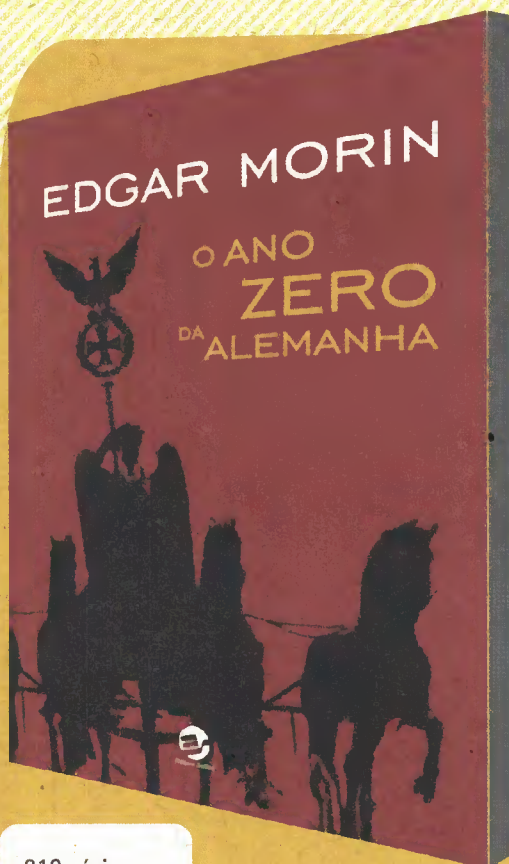


grando.diego@arobajmail.com

### últimos

» um p(r)o(b)lema novo  
» Henri Michaux  
» ...





## O Ano Zero da Alemanha

Edgar Morin  
Editora Sulina,

Publicado em 1946, O Ano zero da Alemanha fornece uma narrativa arrebatadora sobre a Alemanha após o fim da Segunda Guerra Mundial. Com a morte de Hitler em 1º de maio de 1945 e a assinatura do armistício na madrugada de 8 para 9 de maio do mesmo ano, instalou-se entre os aliados uma guerra interna e dissimulada pelo poder de ingerência no território alemão. A Alemanha enfrenta seu ano zero. Encontra-se em ponto morto: sem Estado, exército ou bandeira. Sobraram apenas as dores da violência e do extermínio, as esperanças da reconstrução social, política e psíquica de um país que acabará cindido em duas partes, algo que só teve fim com a queda do muro de Berlim em 1989.

É necessário que o leitor enfrente as quatro partes do livro que desvendam condições históricas concretas, crenças contraditórias, dogmas irracionais que cercaram a banalidade do mal, posta em ação pelo Fühler, e o dispositivo político que lhe dava sustentação. Vários atentados e conspirações, resistências veladas ou explícitas, não conseguiram pôr fim à liderança do tirano. Foi ele mesmo o responsável por seu extermínio.

319 páginas  
R\$ 60

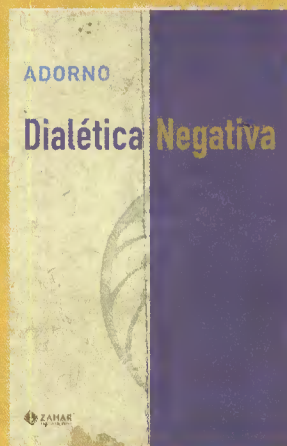


## Desvendando a História da África

José Rivair Macedo (organizador)  
Ufrgs Editora

Esta obra pretende proporcionar uma visão ampla e íntegra da África e de sua diversidade, ressaltando a contribuição inalienável das suas populações para a história da Humanidade e do Brasil. Não deixa dúvidas de que a efetividade dos programas de inclusão racial dependa de uma tomada de consciência de nossa identidade como povo majoritariamente afro-descendente e de uma mobilização pela inclusão da memória africana em nossa formação como cidadãos.

240 páginas  
R\$ 20



## Dialética negativa

Theodor Adorno  
Jorge Zahar Editor

*"Nos debates estéticos mais recentes, as pessoas falam de anti-drama e de anti-herói... analogamente, a dialética negativa... poderia ser chamada de antissistema."*

Adorno, 1966.

Essa poderia ser classificada como a obra-prima de Adorno se o seu pensamento permitisse o conceito tradicional de obra-prima. Isso porque, nesse texto, Adorno justifica seu procedimento filosófico, pondo as cartas na mesa e oferecendo uma metodologia de seus trabalhos materiais. Leitura essencial para os estudiosos do pensamento de Adorno, e uma arma vital na tarefa de dar sentido aos tempos modernos.

352 páginas  
R\$ 59



# O que importa é ter conhecimento armazenado

Grupo de albergados se encontra para trocar dicas de leitura e cinema na sede de uma ONG na Voluntários da Pátria.

texto e fotos Naira Hofmeister

Giancarlo Roberto Carvalho, David Custódio Duarte, Fábio Ricardo Morsoletto, Luis Fabiano Guimarães e Talia dos Santos estão sentados à mesa e conversam num tom respeitoso. Trocam olhares de cumplicidade e relatos de noites frias em albergues de Porto Alegre. Surpreendentemente, comungam também dicas de livros. À exceção de Fábio, que conseguiu ingressar em um programa do Departamento Municipal de Habitação (Demhab) e hoje mora numa casa na Vila Santa Teresinha – que antes da reconstrução era chamada de Vila dos Papeleiros, na entrada da cidade –, os demais integrantes da mesa são “pessoas em situação de rua”, definição dentro do que se chama politicamente correto.

Na prática, significa que se não conseguirem chegar antes das 18h nos albergues próximos à Rua Voluntários da Pátria (o municipal e o Felipe Dhl), passarão a noite com

fome, embaixo de alguma marquise e serão acordados a pontapés por brigadianos. “Eles não são preparados para lidar com gente, só com marginal”, condena Fábio. O protesto, ele explica, se fundamenta numa diferença elementar entre ele e seus amigos e os demais colegas de vida errante. “Não somos ladrões nem drogados e conversamos sobre coisas sérias”.

Eles são intelectuais de albergue e, como tais, excluídos do grande grupo cujos assuntos não são compartilhados. “Ninguém dá a devida importância para o que a gente tem”, reclama Giancarlo. “O conhecimento”, completa. Nenhum terminou ensino médio tradicional, a maioria abandonou os estudos antes de concluir a antiga 8ª série (atualmente 9º e último ano do ensino fundamental). “A escola ensina só matemática, não incentiva a leitura”, reclama Fábio.



A monitora Aline (de blusa azul) debate com albergados (da esq. para a dir.) Fábio, Luís Fabiano, Davi, Talia e Giancarlo.



Foi através dos livros não-didáticos que eles adquiriram senso crítico, vocabulário e uma relativa fluidez de pensamentos. “O que importa é o que temos armazenado aqui ó”, aponta Giancarlo para a frente larga e calva. “Se vamos ou não fazer uso, é outra coisa”, complementa David. Todos já tinham interesse na literatura, mas depois que a Casa Brasil (um projeto do Governo Federal, que em Porto Alegre é desenvolvido em parceria com a ONG Moradia e Cidadania, de funcionários da Caixa) se instalou na Voluntários, outro mundo começou a revelar-se a seus olhos.

### Vida de cão

“Fico ansioso para vir para cá todos os dias de manhã”, relata David, que supera diariamente um problema a mais que os outros. Ele caminha de muletas, já que suas pernas são paralisadas. “Sempre me questionei do porquê das coisas. Não posso jogar bola, nem dançar... então, me interessei por leitura”, completa. Entre os mais de quatro mil volumes que a biblioteca da Casa Brasil possui em seu acervo, ele escolhe alguns pouco tradicionais – livros abandonados até em prateleiras de universidades. “Adoro filosofia! Kant é o melhor”, acredita, sublinhando que também se interessa por Descartes e Sartre. Para ter a oportunidade de ler Heidegger ele pediu à repórter que lhe conseguisse um exemplar, já que a biblioteca não é especializada no tema. Pediu também obras de Hume.

Tália é transexual. Ela mexe nos cabelos negros e com a voz que varia entre fina e grave aproveita para alertar: também gosta de filosofia, “daquela que escreve Paulo Coelho”. Os demais integrantes do grupo se revoltam. “Ele não é filósofo, é filosofista”, ataca David. Giancarlo emenda: “Não sei como a Academia Brasileira de Letras nomeou ele e o Sarney como imortais. Ao menos se redimiram dando uma cadeira ao contrerrâneo Moacyr Scliar. Tenho muito orgulho de viver na mesma cidade que ele”.

Assim como David, Giancarlo também está pedindo títulos emprestados: ele lê com uma rapidez impressionante – os colegas dizem que são três ou quatro por semana, mas ele nega – e já está na segunda leitura de muitas obras. Mas no caso de Giancarlo serve qualquer coisa, menos filosofia – tanto a de David quanto a de Tália – que ele acha “muito aborrecido”. “Queria poder ler os livros da lista da Veja”, a saber, aquela dos mais vendidos. Foi de lá que tirou as indicações de O Código da Vinci e O Caçador de Pipas, que leu e gostou. Mas o título que mais apreciou nos últimos tempos foi um dos finalistas do Booker Prize e que já virou cult: Mar Profundo, de Romesh Gunasekera, que narra as memórias de um garoto no Sri Lanka. O texto é considerado poético, melancólico e vem sendo recomendado por críticos literários. Na opinião de Giancarlo, no entanto, o que vale é o ponto de vista da narrativa. “É a maneira que o cozinheiro compreende o mundo dos burgueses”. 🐕





## Cinema muquirana

Às vezes o grupo troca a sala de leitura pela de cinema. Na primeira vez que a reportagem tentou entrevistá-los, estavam assistindo "O Iluminado", de Stanley Kubrick. É a sessão do Cinemuca, uma brincadeira com o adjetivo que eles mesmos se designam. "Somos uns muquiranas", ri Giancarlo. Na verdade, a galhofa esconde um problema sério. "A gente convive com uma realidade muito triste", completa. "A gente é muito discriminado, e aqui é onde a gente se sente gente", confessa Talia.

Acontece que a Casa Brasil é o único lugar que eles conhecem e que não exige comprovação de endereço para emprestar os livros. "Isso expressa a confiança do pessoal daqui. Eles arriscam", completa Giancarlo. Muito pior do que não conseguir retirar livros em qualquer biblioteca pública, é perder um emprego por não ter endereço fixo. "Já aconteceu com muita gente que conheço, de pegar um bico e perder na hora de comprovar onde mora", conta. Por isso eles são enfáticos ao afirmar: "Nosso oásis é aqui".

## O desconhecido

Todos concordam que são exceções à regra. "Somos cinco em 300 que vivem no Albergue Municipal. A maioria não tem condições de buscar um norte e se contenta com o assistencialismo: uma cama e comida", observa Giancarlo. Apesar de estarem constantemente divulgando a biblioteca da Casa Brasil aos demais albergados, ninguém se interessa. "Tem gente que teme o conhecimento porque vai trazer uma mudança. Eles temem o desconhecido", lamenta Fábio que está tentando montar uma biblioteca em casa para permitir empréstimos aos amigos da vila. (Nele, o efeito do desconhecido veio na forma de inspiração para poesias). Já para Giancarlo, a literatura é esclarecimento. "Hoje ninguém coloca a sua opinião, todo mundo vai de acordo com os outros. Eu leio para ter embasamento". Ele conta que sofre com o convívio diário nos albergues. "Temos qualidades morais e intelectuais. Não é saudável ser obrigado a conviver com gente que não está preocupada com nada".





# 1988

Ano da promulgação da atual Constituição gaúcha, anunciada em 3 de outubro, com 268 artigos. Como segundo estado da federação a instalar uma constituinte, em outubro de 1988, o Rio Grande do Sul se destacou por ter dispensado um ante-projeto constitucional, partindo do nada. Essencialmente lembrada pela grande participação popular – foram 282 proposições populares, feitas por sindicatos, movimentos populares de vilas, associações de mulheres, de negros e de índios – e pela implantação inédita de um painel eletrônico para agilizar as votações, a constituição do Rio Grande do Sul completa 20 anos.





A SOCIEDADE PRECISA DE  
INFORMAÇÃO COM QUALIDADE

Jornalista